

## Ensino de música em uma escola paulista no período de 1870 a 1920: inovação e competência pedagógica

---

Jane Borges  
*Universidade Federal de São Carlos*

**Resumo:** Este artigo é resultado da pesquisa realizada durante o período de doutoramento na FE-USP (Faculdade de Educação – Universidade de São Paulo), intitulada “Igreja e Escola na perspectiva das práticas musicais em colégios históricos americanos de confissão protestante (São Paulo: 1870-1920)”, que buscou compreender a atividade musical nas escolas americanas de confissão protestante, em São Paulo, no final do Império e primeiros anos da República. O principal objetivo desta publicação é focalizar a presença da música em uma dessas escolas, a Escola Americana de São Paulo, hoje Universidade Presbiteriana Mackenzie, observando como se estabeleceu em São Paulo, como eram os seus professores, bem como conhecer as práticas musicais, o ensino de música nesta escola e a contribuição desta instituição à realidade educacional da época. As inovações da pedagogia americana serviram de referencial para outros países e foram trazidas para o Brasil no final do século XIX pelas escolas americanas de confissão protestante. A educação escolar nos aspectos institucional, de prática pedagógica e de cultura escolar tem sido objeto de estudos na área de História da Educação Brasileira. Com nossa pesquisa foi possível realizar um movimento de aproximação da História da Educação com a História da Educação Musical, visto que a História da Educação Musical no período citado é um campo particularmente fértil, por não ter sido suficientemente estudada.

**Palavras-chave:** Escola Americana. Música na Escola. Educação Musical. História da Educação Musical

---

### Music education in a school in São Paulo from 1870 to 1920: innovation and pedagogical expertise

**Abstract:** This article is the result of research conducted during the doctorate program at FE-USP (Education University – São Paulo University) titled “The church and the school from the perspective of musical practices in historic American schools of Protestant profession (São Paulo: 1870 – 1920). The study sought to understand musical activity carried out in American Protestant schools, in the city of São Paulo during the period comprised by the end of the Portuguese empire and the beginning of the Brazilian Republic. The primary goal of the current study is to address the presence of music in one of these schools, namely A Escola Americana de São Paulo (The American School of São Paulo), currently known as Universidade Presbiteriana Mackenzie (Mackenzie Presbyterian University); seeking to examine how it came to be established in São Paulo, gathering facts about its faculty, musical practices as well as the teaching of music in that school and the contribution offered by this institution to the educational scenario of that period. Innovations provided by the American pedagogy

served as reference points to other countries and were brought to Brazil at the end of the nineteenth century by American Protestant schools. School education, as it concerns its institutional aspects, pedagogical practices and school culture, has been the object of studies in the field of the History of Brazilian Education. The current research has aided in making possible the connection between the History of Education and the History of Music Education. The History of Music Education during the aforementioned period has not been thoroughly studied which renders it a particularly fertile field of studies.

**Keywords:** American School. Music in Schools. Music Education. History of Music Education

### Introdução

Este artigo é resultado da pesquisa realizada durante o período de doutoramento na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (FE-USP). A tese escrita naquele período recebeu o título "Igreja e Escola na perspectiva das práticas musicais em colégios históricos americanos de confissão protestante (São Paulo: 1870-1920)" e buscou compreender a atividade musical nas escolas americanas de confissão protestante, em São Paulo, no final do Império e primeiros anos da República.

O referencial teórico da pesquisa está baseado em autores das áreas de História da Educação, História Eclesiástica, Ciência da Religião e Educação Musical, buscando nas áreas conexas informações e conceitos que pudessem enriquecer nosso percurso historiográfico no campo da música. Além das consultas bibliográficas, desenvolvemos a pesquisa em arquivos públicos e particulares. Trabalhamos com diversas fontes, tais como, jornais, revistas, cartas, relatórios, documentos, boletins, anuários de ensino, partituras, legislação, fotos, atas, livros, teses, dissertações e artigos. Pensar na diversidade das fontes foi fundamental para o

desenvolvimento da pesquisa, levando em consideração que cada fonte tem o seu desafio particular.

Procuramos observar as orientações trazidas por Michael de Certeau (1982: 81-82), quanto ao estabelecimento das fontes, ao trabalharmos com os documentos localizados em arquivos e bibliotecas.

Em história, tudo começa com o gesto de *separar*, reunir, de transformar em "documentos" certos objetos distribuídos de outra maneira. Esta nova distribuição cultural é o primeiro trabalho. Na realidade, ela consiste em *produzir* tais documentos, pelo simples fato de recopiar, transcrever ou fotografar estes objetos mudando ao mesmo tempo o seu lugar e o seu estatuto. (...) O estabelecimento das fontes solicita, também, hoje um gesto fundador, representado, como ontem, pela combinação de um lugar, de um aparelho e de técnicas.

Entendendo, assim, o desafio do fazer historiográfico não

só o fato de constituirmos as fontes, mas também analisá-las de acordo com o lugar social e o tempo dos acontecimentos.

As maiores dificuldades de uma pesquisa dessa natureza esbarram na escassez de material e na sua organização nos arquivos, pois, na maioria das vezes o material não se encontra catalogado. No nosso caso, os arquivos históricos estavam em fase de organização ou de digitalização dos materiais, não sendo permitido consultá-los. Ao passarmos por esta experiência, lembramos-nos de Arlette Farge (1991:17), quando aponta as dificuldades enfrentadas nos arquivos ao trabalhar com documentos antigos, pois são extremamente frágeis e requerem do pesquisador não apenas a leitura, mas também sua interpretação, sendo, muitas vezes, necessário gastarmos tempo copiando os documentos. Apesar das pesquisas feitas por Farge serem do século XVIII, constatamos que estas preocupações são válidas também para o século XIX.

O principal objetivo desta publicação é focalizar a presença da música em uma escola paulista, a Escola Americana de São Paulo, hoje Universidade Presbiteriana Mackenzie, e observar como se estabeleceu em São Paulo, qual a contribuição desta instituição à realidade educacional da época, como eram as instalações, os seus professores, os procedimentos didáticos, o aparato pedagógico, além de conhecer as práticas musicais e o ensino de música realizado.

## **Presença dos missionários norte-americanos, de confissão protestante, na província de São Paulo**

As denominações protestantes chegaram ao Brasil, a partir de meados do séc. XIX e implantaram escolas. Os missionários norte-americanos, além da tarefa de evangelização, se ocupavam também das atividades educacionais, sendo esta tarefa, na maioria das vezes, realizada pelas mulheres. Hilsdorf (1977) aponta o desenvolvimento das denominações protestantes no Brasil, a vinda de colportores<sup>1</sup>, a chegada dos pastores e missionários, e também, de professores devidamente preparados para atuarem no ambiente escolar. Afirma também que se justifica o estudo das escolas americanas de confissão protestante para que novas informações sejam trazidas quanto ao papel que desempenharam no processo de escolarização da sociedade brasileira entre os anos de 1870 a 1920.

Alguns políticos brasileiros defendiam a ideia de uma imigração norte-americana por apreciarem a organização político-administrativa dos americanos e pela oposição à mentalidade católica-conservadora predominante na sociedade da época. Os protestantes, além de serem acolhidos pelos liberais e republicanos, receberam apoio dos

---

<sup>1</sup> Colportores eram vendedores ambulantes que viajavam pelos sertões do Brasil, oferecendo Bíblias de casa em casa. Transportavam os livros nos lombos de mulas ou em carroças, preparando o caminho para a chegada dos primeiros missionários e também das primeiras igrejas de confissão protestante.

anticlericais e maçons, uma vez que estes pretendiam trazer novos valores para a sociedade brasileira e entendiam que isso poderia acontecer com uma renovação da mentalidade das novas gerações.

As escolas americanas de confissão protestante trariam para a Província de São Paulo uma diretriz de ensino prático, científico e comum para todos, que concretizava aqueles aspectos do sistema de ensino norte-americano que mais atraíam as elites da época. (...) Numa província como a de São Paulo, que despertava para as grandes questões do século – democracia, liberalismo, cientificismo, laicização da vida pública, formação da mulher, educação popular – seriam justamente as elites políticas e culturais as primeiras a incentivar o trabalho dos missionários protestantes americanos. (HILSDORF, 1977:156)

Os missionários protestantes demonstraram preocupação ao chegarem ao Brasil e constataram que o analfabetismo existia em grande escala na população: eles entendiam que era de fundamental importância que os novos convertidos tivessem condições de ler a Bíblia, o livro de hinos e outras literaturas religiosas. Hilsdorf (1977) aponta que na década de 1840-50 havia um grave problema de

“despovoamento das escolas”, o nível do ensino era baixo, o salário dos professores muito reduzido e o mobiliário escolar inadequado. Em São Paulo, nesta época, caminhavam lado a lado o ensino público e o particular, sendo a fiscalização feita pelo estado. No entanto, a instrução não era encarada como tarefa exclusiva do estado.

Mendonça (1995), um estudioso do campo da Ciência da Religião, aponta a necessidade de alfabetização. Para ele, era importante que os fiéis lessem a Bíblia e conquistassem leitura rápida, pois esta era uma necessidade para os cânticos dos hinos. Informa que o currículo divergia da escola tradicional e apresentava a introdução de várias novidades, entre elas as execuções musicais e canto ao piano. Aponta também que havia cântico de hinos sagrados durante a aula.

A música estava presente nos cultos protestantes, os hinos cantados eram na língua vernácula e tinham a função de adorar a Deus e de ajudar na assimilação das doutrinas. Os cânticos sagrados, desde os tempos da Reforma Protestante, continuavam sendo valorizados na igreja, com o objetivo de auxiliar na fixação das verdades bíblicas.

Através da bibliografia consultada, foi possível observar que os colégios americanos apresentaram cursos desde o Jardim da Infância, até o Curso Normal, onde professores eram preparados para exercerem o magistério. Alguns, como é o caso do *Mackenzie College*, ofereceram também o ensino superior, atraindo os filhos de republicanos e liberais.

Outro aspecto observado nas escolas americanas de confissão protestante, é que os professores que nelas atuavam eram especializados, tinham boa formação, grande experiência no magistério e preocupavam-se também com a formação de novos professores.

Quanto aos professores, a presença desde o início das atividades escolares, de pessoal especializado para o magistério, credenciava os colégios protestantes americanos quanto à eficiência e seriedade de seu trabalho. Em particular, a vinda de "schoolmarm's"

professoras missionárias diplomadas nos Estados Unidos e freqüentemente com vários anos de experiência no magistério público e particular, foi uma constante. (HILDORF, 1977:164)

Quanto à renovação educacional e inovações apresentadas no ensino, Hilsdorf (1977:45) conclui que "não foram nem as escolas públicas nem as confessionais católicas, mas as americanas de confissão protestante, as que vieram consagrar, com sua ação, a mentalidade científica da época".

Ramalho (1976:70-71), fazendo uma reflexão a partir do campo da sociologia da educação, matiza a questão do entendimento que os protestantes traziam sobre educação e aponta que foi difícil para os missionários que introduziram o protestantismo no

Brasil, fazer uma delimitação entre a sua prática educativa, apresentada através de seus colégios, e a prática religiosa, uma vez que se apresentavam como propagadores de uma nova ênfase cristã. "O problema da educação para os missionários tem um sentido mais totalizante: ultrapassa os limites de uma expressão evangélica, engloba-se em uma concepção de vida".

Para que possamos apresentar as atividades musicais desenvolvidas em um dos colégios americanos de confissão protestante, sentimos a necessidade de primeiro apresentar um pouco da história dessa instituição com o objetivo de localizar as atividades musicais dentro do contexto educacional.

### **Escola Americana**

Dos muitos colégios que surgiram nos principais centros em todo o Brasil em um curto espaço de tempo, destacamos, nesta publicação, a Escola Americana, hoje Universidade Presbiteriana Mackenzie, que foi organizada pelos missionários presbiterianos em 1870. A Igreja Presbiteriana estabeleceu-se no Brasil, com a vinda do missionário norte-americano Ashbel Green Simonton, que chegou ao Rio de Janeiro em 12 de agosto de 1859.

Matos (2004:13), historiador da Igreja Presbiteriana, assim informa:

A implantação da obra presbiteriana no Brasil resultou dos esforços de igrejas norte-americanas, que ao longo de muitas décadas fizeram um enorme investimento de pessoal

e recursos em muitos pontos do território brasileiro. A Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América do Norte (PCUSA), a Igreja do Norte, cuja Assembléia Geral foi organizada em 1789, criou sua Junta de Missões Estrangeiras, sediada em Nova York, em 1837. (...) O Brasil foi o sexto país a receber missionários da Junta de Nova York, começando com o pioneiro Ashbel Green Simonton, que chegou ao Rio de Janeiro, então a capital do império em 1859.

Simonton recebeu reforços para a realização do trabalho e em julho de 1860 chegam ao Brasil o Rev. Blackford e sua esposa Elizabeth, irmã de Simonton. Foram designados para São Paulo e em 1863, Blackford iniciou um trabalho na Rua da Constituição, hoje Florêncio de Abreu.

Neste período, no Brasil, a Igreja Católica era oficializada e as outras religiões eram apenas toleradas. Não era permitida a

construção de templos fora da religião oficial, e as reuniões de pessoas que pertenciam a outras religiões deveriam acontecer a portas fechadas. Em São Paulo o desenvolvimento da cidade se deu em uma área construída em volta do Pátio do Colégio e a cidade sofre várias transformações significativas: ascende à posição de metrópole regional, torna-se palco de projetos políticos, as mudanças econômicas promovem a intensificação das relações culturais. Outras mudanças nos planos cultural, social, educacional, político e econômico também estão presentes neste momento.

Foi logo após a Guerra da Secessão (1861-1865) que o casal Chamberlain deixou os Estados Unidos, vindo ao Brasil para atuar como missionários. Mary Ann Annesley Chamberlain era esposa do Rev. George Whitehill Chamberlain, possuía sólidos conhecimentos pedagógicos e veio para o Brasil em setembro de 1868. Eles ficaram um ano no Rio de Janeiro, onde Chamberlain substituiu o Rev. Blackford e em 6 de outubro de 1869 transferiram-se em São Paulo, tendo Chamberlain assumido o pastorado da Igreja Presbiteriana.



Figura 1. George W. Chamberlain, Mary Ann Chamberlain (esposa) e filhos: Pierce, Mary Christine, Daniel Stewart, George Agnew, Helena e Laura. Foto obtida na Revista da Associação dos Antigos Alunos do Mackenzie - Out. de 1970.

Matos (2004:49) traz a seguinte informação:

Em 1870, em sua residência à Rua Visconde de Congonhas do Campo, nº. 1, o casal Chamberlain iniciou a Escola Americana. Uma hora por dia, Mary Ann passou a dar aulas a meninas que não podiam frequentar as escolas públicas por causa da intolerância religiosa. No ano seguinte, a escola passou a ocupar as instalações da igreja, na Rua Nova de São José, nº. 1 (atual Líbero Badaró), sob a direção da missionária Mary P. Dascomb.

Garcez (1970: 21) e Matos (2004: 49) nos informam que Mrs. Chamberlain recebeu as primeiras alunas brasileiras em sua casa (ver Figura 2), iniciando assim o

trabalho da Escola Americana. Diante desta motivação, utilizou-se dos conhecimentos adquiridos nos Estados Unidos, colocando-os em prática, trazendo inovações para o sistema educacional da época.

A "escolinha", como era então denominada, adotou logo os métodos educacionais americanos, e as alunas viram o ensino decorado e pronunciado em voz alta (cantado) ser substituído pelo estudo intuitivo e silencioso. Desprezou-se o sistema do "debucho" pelo qual o professor escrevia a lápis para o aluno recobrir com tinta. Baniu-se o castigo físico que apavorava a criança (...). A aula passou a ser um momento agradável para aquelas meninas, e despertou nelas, um

interesse para o  
aprendizado até então  
desconhecido nas

escolas públicas do  
Império. (GARCEZ,  
1970: 22)



Figura 2. Residência do casal Chamberlain, situada à Rua Congonhas do Campo, nº 1. Foto obtida no Arquivo Histórico Presbiteriano.

Laguna (1999 30) traz na íntegra uma matéria publicada no Correio Paulistano, do dia 20 de agosto de 1872, copiada do original filmado, apresentando a importância da "Escola Americana". A seguir, transcrevemos apenas o início da matéria:

**ESCOLA AMERICANA**  
Denominaríamos assim a importante escola para meninos e meninas fundada nesta capital, à Rua São José nº. 1, pelo pastor evangélico presbiteriano Sr. Chamberlain, da qual vamos dizer duas palavras a propósito dos exames havido ali recentemente.

Nesta ocasião a escola já ocupava as instalações da igreja, pois o endereço é o mesmo: Rua São José, nº. 1. Em 1878 a escola mudou para a Rua São João esquina com a Ipiranga (ver Figura 3), onde permaneceu por mais 40 anos.

É interessante observar que a Escola Americana surgiu em São Paulo com os mesmos ideais das escolas norte-americanas, porém, com as devidas adequações à realidade brasileira. Em 05 de agosto de 1880, "A Província de São Paulo" publicou o seguinte anúncio: "A escola está organizada sob o mesmo plano que as escolas públicas de Nova York e o curso de estudos de cada ano, tanto quanto permitem as diversas circunstancias dos dois países, é o mesmo".





Figura 3. Escola muda-se para prédio próprio na Rua São João, esquina da Rua Ypiranga. Ali funcionava um internato de meninas e o externato misto. Foto obtida no Arquivo Histórico Presbiteriano.

O Rev. Chamberlain queria implantar uma escola onde meninas e meninos pudessem trabalhar juntos; que os professores fossem bem preparados; os prédios iluminados e aparelhados, com mobiliário adequado (ver Figura 4) e, assim, apresenta à Junta um plano educacional. Com este plano destaca a questão dos métodos pedagógicos a serem adotados e propõe que o sistema de ensino seja o Americano, levando em consideração a experiência bem sucedida feita por Mrs. Chamberlain em sua casa, quando foi utilizada a metodologia norte-americana.

Chamberlain continuava à frente da direção da *Escola Americana* e no final do ano de 1877 implantou o Jardim de Infância, nos moldes do "Kindergarten". Esta iniciativa trouxe ainda maior reconhecimento por parte da

sociedade, pois representava grande avanço no sistema educacional brasileiro. Garcez (1970: 69) traz uma tradução do relatório enviado pelo Rev. Chamberlain à Junta de Missões Estrangeiras de Nova York, que reproduzimos a seguir:

O Jardim da Infância ou Jardim das Crianças será baseado no hoje bem conhecido sistema Froebel e tem por fim o desenvolvimento intelectual desde a mais tenra idade, por métodos intuitivos e naturais, tendo sempre em vista as necessidades físicas das crianças, atraindo-as aos conhecimentos e desenvolvimento das faculdades observadoras, sem fadigas, sem desgosto, sem estudos forçados,

sem constrangimento dos corpos e sem lágrimas, mas com alegria e contentamento, aprendendo dos próprios brinquedos e alcançando assim os benéficos efeitos da disciplina e do uso dos sentidos.

No Programa e Regulamento do Instituto de São Paulo – *Escola Americana* (1885:6-7) encontram-se mais algumas informações trazidas por Chamberlain sobre o Jardim da Infância:

A boa aceitação que continua a ter o Jardim Infantil, não somente neste império, mas também na América do Norte e na Europa serve melhor do que qualquer arrazoado para provar o grande valor que tem esta parte do ensino primário.

O Jardim da Infância está sob a exclusiva direção de D. Phebe R. Thomas, que se dedica especialmente a este ramo de instrução, tendo estudado o sistema nas melhores escolas deste gênero nos Estados Unidos. Tem ajudantes habilidosas, que estudaram de baixo de sua inspeção pessoal.

[...]

O Jardim funciona n'uma sala espaçosa,

completamente montada com todos os aparelhos exigidos pelo sistema Froebel e outros que a experiência tem mostrado serem aproveitáveis.

Funciona das 9 ½ da manhã a 1 da tarde, e os alunos nunca estão mais de 15 minutos ocupados na mesma coisa.

Lourenço Filho em seu livro *Introdução ao Estudo da Escola Nova* (s.d.), traz informações relevantes sobre Froebel e o sistema que desenvolveu, destacando a importância das atividades lúdicas para o aprendizado da criança. Para ele a educação é uma tarefa que a criança realiza de dentro para fora. Traz ainda informações sobre Pestalozzi e Herbart que também ficaram conhecidos na Europa e nos Estados Unidos pela pedagogia apresentada.

Pestalozzi defendia o ensino intuitivo, ou seja, o ensino baseado na experiência direta e pessoal da criança. Entendia que o ensino intuitivo deveria substituir o ensino livresco, uma vez que a criança se instrui por meio dos exercícios práticos. Reagiu contra as punições físicas aplicadas nas escolas de sua época e desenvolveu a abordagem centrada na criança (ver Figuras 4 e 5).



Figura 4. Coleções de Espécimes – ênfase do ensino intuitivo  
Foto obtida no Arquivo Histórico Presbiteriano



Figura 5. Quadros murais, figuras, espécimes - ênfases do ensino intuitivo. Foto obtida no Arquivo Histórico Presbiteriano.

Herbart opõe-se às ideias de Pestalozzi e defende que a aprendizagem deve ocorrer em primeiro lugar e a prática dessa aprendizagem em seguida. Para isso, cada lição ensinada deveria seguir as seguintes etapas, que ele chamou de passos formais: clareza, associação, sistematização e aplicação. Sua proposta pedagógica apóia-se na rotina de atividade.

Segundo Eby (1976:444-450), a base do currículo defendida por Froebel “é encontrada nas atividades em evolução da natureza infantil”. Para ele “A criança aprende fazendo e através da ação. A aprendizagem é o resultado de sua vida ativa”.

Para Rousseau, a importância de um objeto repousa em sua utilidade; para Pestalozzi, em seu valor no treinamento dos órgãos sensoriais; para Herbart, em sua contribuição para o conhecimento. Mas, para Froebel, um objeto é importante pelo que a criança pode fazer dele, através da auto-expressão. O verdadeiro objetivo da instrução não é adquirir conhecimento, mas, por meio de atividades, construir hábitos, habilidades, força de vontade e caráter.

Eby (1976) apresenta também que “Froebel não estava interessado na transmissão do conhecimento que não tivesse significado direto para a vida”. Como ele era profundamente religioso e cristão, defendia que “a

vida normal no lar é o melhor meio de desenvolvimento da natureza religiosa”. Outro aspecto que deve ser enfatizado é que “Froebel foi o primeiro educador a discernir a verdadeira função do brinquedo no desenvolvimento infantil”. Eby ainda destaca que “o realce dado por Froebel à atividade lúdica se baseia não apenas no reconhecimento de seu valor teórico, mas em suas aplicações práticas”. Defendia também a utilização do desenho, pois considerava tão essencial à vida infantil como a linguagem.

Outro ponto destacado por Chamberlain, no plano educacional, era quanto aos programas de ensino. Ficou estipulado que o programa de ensino da Escola Americana seria desenvolvido em compêndios próprios, escritos em português e baseados nos métodos americanos. Hilsdorf (1986:127-8) informa que João Köpke escreveu o método para o ensino de leitura, intitulado *Método Racional e Rápido para aprender a ler sem soletrar* (Paris, Garraux, 1879) para uso dos alunos da *Escola Americana* de São Paulo “com a finalidade de substituir os tradicionais silabários”.



Figura 6. Sala de Aula na Escola Americana – modelo das carteiras como nos EUA. Foto obtida no Arquivo Histórico Presbiteriano.

A partir de então os professores da Escola Americana passaram a produzir o material didático que seria utilizado pelos estudantes. Conseguimos localizar alguns destes livros no Arquivo Particular de Fred Lane e no Arquivo Histórico Presbiteriano, como é o caso da *Gramática* de Júlio Ribeiro, da *Gramática Expositiva* (1906) e *Gramática Histórica* (1916) de Eduardo Carlos Pereira, da "Série Braga" que era um conjunto de livros didáticos para a escola primária, escritos por Erasmo Braga, e do livro *Resumo da História do Brasil*, de Maria Guilhermina Loureiro de Andrade. Esta obra foi editada pela Ginn and Company, Boston, EUA, é uma edição ampliada e o Copyright é de 1887, 1894, 1920. Para o ensino da música foi possível localizar o livro "Hymnos e Cânticos Juvenis"<sup>2</sup>, utilizado no Curso Normal.

Hilsdorf (1986:206-7) apresenta a relação de outros livros. A missionária, Sra. Magalhães, elaborou as *Lições Elementares da Língua Inglesa* e Adelaide Molina escreveu a pequena *Gramática Preparatória para uso da Escola Americana em São Paulo*. Antonio Bandeira Trajano escreveu a *Série Aritmética*, que foi muito divulgada nas *Sessões Livres* do *Jornal Província de São Paulo*.

Em dezoito de julho de 1885 é feito o pedido de registro da Escola Americana na Inspetoria Geral da Instrução Pública por Chamberlain, tendo sido aprovado.

Horace Lane (ver Figura 7) sucedeu a Chamberlain, que sentia o desejo de dedicar maior tempo ao trabalho de evangelização, na

direção da Escola Americana e do Mackenzie College em 1885.



Figura 7. Horace M. Lane. Foto obtida no Arquivo Particular de Fred Lane.

Sob sua orientação os ideais de educação são ampliados. Hilsdorf (1986:207) afirma que "Horace Lane graduou o curso de estudos da Escola Americana em três classes de nível elementar e quatro séries secundárias, além do Kindergarten e da classe de ensino normal". Além de imprimir suas marcas na Escola Americana, contribuiu também para as reformas no ensino na cidade de São Paulo. "Mais para o final da década de 80 e no decorrer da década de 90, Horace M. Lane, o novo diretor da Escola Americana terá um papel relevante na implantação das reformas republicanas da instrução pública, as quais deveram às escolas americanas de confissão protestante, em muito, sua inspiração e sua execução" (HILSDORF, 1986: 191).

<sup>2</sup> Traremos mais informações sobre este livro no Tópico "Música no currículo escolar".

Dentre os republicanos que prestigiaram a Escola Americana, colocando seus filhos para estudarem nela, estão as seguintes famílias: Carvalho Braga, Carvalhosa, Cerqueira Leite, Campos Sales, Prudente de Moraes, Rangel Pestana, Souza Barros, entre outras.

A pedagoga Marcia Percy Browne, que atuava na Escola Americana como dirigente da Escola Normal, e outras quatro professoras treinadas por ela e pelo Dr. Lane serviram o Estado de São Paulo na reforma de seu sistema educacional, nomeadas mediante lei especial.

Não sabemos se Rangel Pestana exerceu atividades docentes na *Escola Americana*; sabemos, isto sim, que tinha ligações estreitas com Horace Lane e que confiava em sua competência pedagógica. Segundo um testemunho de J. L. Rodrigues, largamente referido, foi Lane quem apresentou a Rangel Pestana aquela que seria responsável pelos trabalhos de organização das escolas-modelo da rede pública do Estado, criadas pela Reforma de 1890, a professora Miss Marcia P. Browne. Sua companheira de trabalhos, Maria Guilhermina Loureiro de Andrade, também foi indicada por Lane, que conhecia sua formação americana – era graduada pela *Normal School* de Nova York – e seus trabalhos no

famoso *Colégio Aquino* do Rio de Janeiro (HILSDORF, 1986: 208-209).

Miss Browne participou da implantação do ensino primário e normal do Estado de São Paulo e orientou este processo, tendo organizado e dirigido três escolas modelo na capital paulista, a Escola Modelo Caetano de Campos, anexa à Escola Normal e as escolas modelo do Carmo e da Luz. Dr. Lane atuou como Consultor Educacional do Governo. “Em março de 1896, após seis anos de eficiente cooperação na organização do ensino público em São Paulo, Miss Brown retirou-se para os Estados Unidos” (GARCEZ, 1960:141). Segundo Hilsdorf (1977:181), “além de pessoal especializado, a Escola Americana forneceu ao estado paulista, ao longo dos anos de implantação da reforma, e muitas vezes graciosamente, o material adequado ao ensino intuitivo”.

Os nomes dos professores que foram mencionados aqui serão trazidos no próximo tópico com novas informações a respeito de suas atividades docentes.

### **Professores da Escola Americana**

Como visto anteriormente, os professores da escola americana, de maneira geral, eram especializados, tinham boa formação e grande experiência no magistério. Mary Ann Chamberlain possuía sólidos conhecimentos pedagógicos adquiridos nos Estados Unidos e colocou-os em prática ao iniciar as atividades da Escola Americana em sua própria casa. Depois com a chegada de Mary Park Dascomb, que veio para assumir a direção interna da

escola, Mary Ann dedicou-se ao ensino de música e francês.

Mary Parker Dascomb foi a primeira missionária educadora enviada ao Brasil pela Junta de Missões Estrangeiras de Nova York. Formou-se no Oberlin College, em Ohio no ano de 1860, veio ao Brasil pela primeira vez em 1866, como professora dos filhos de James Monroe, que era presbiteriano, cônsul americano no Rio de Janeiro e havia sido professor em Oberlin. Em 1869 Miss Dascomb retornou ao Brasil, como missionária. "Trabalhou inicialmente no Rio de Janeiro, na escola para meninos e meninas anexa à igreja do Rio, e depois, por algum tempo em Brotas [...]" (MATOS, 2004: 67).

Segundo Matos (2004), baseado em um relatório do Rev. Chamberlain, Miss Dascomb assumiu a direção da escola em 1871 e contou com a colaboração dos seguintes professores: Mary Ann Chamberlain (música e francês), Harriet Greemann (inglês, caligrafia e conhecimentos gerais), Júlio Ribeiro (português), Palmyra Rodrigues (história) e Adelaide Molina (geografia). Observa-se que desde o início da escola havia professores norte-americanos e brasileiros trabalhando conjuntamente.

Além da atuação de Mary Parker Dascomb como diretora interna e professora de matemática, tomamos conhecimento de sua formação musical, pois colaborou com o Rev. Chamberlain tocando harmônio (ver Figuras 8 e 9).

Desde 1876 até o final de 1883, a Igreja Presbiteriana de São Paulo reuniu-se na "Sala Grande" da Escola Americana, na Rua de São João. Em suas "Reminiscências" publicadas em *O Estandarte*, o Dr. Antonio Gomes da Silva Rodrigues, que frequentou a igreja naquela época, informa que o harmônio no qual a professora Dascomb tocava os hinos ficava ao lado direito de quem entrava. A missionária continuou a tocar o pequeno harmônio no novo templo da Rua 24 de Maio, inaugurado no dia 06 de janeiro de 1884, sendo os hinos cantados em uníssono pela congregação (MATOS, 2004: 69).



Figura 8. Harmônio.



Figura 9. Harmônio Portátil.

Além da atividade instrumental que exercia como organista, Miss Mary Dascomb foi responsável também pelas atividades corais: "Em 1887, formou-se um grupo coral na Igreja Presbiteriana de São Paulo, que congregava a rua Vinte e Quatro de Maio, orientado pela organista Miss Mary Parker Dascomb" (KERR; KERR, 2003:14).

Valemo-nos da matéria publicada no Correio Paulistano, do dia 20 de agosto de 1872, trazida por Laguna (1999) para apontar a maneira como os professores tratavam os alunos:

E cumpre notar que naquela escola não há castigos corporais; o agradável zelo dos professores, a frequente distribuição de pequenos prêmios e também a notável emulação entre meninos e meninas que tanto recomenda as escolas mistas são ali os grandes incentivos para a aplicação e aproveitamento dos alunos.

Encontra-se ali o ideal americano: escola mista, regida por mulher.

Uma distinta senhora, D. Palmyra Rodrigues, moça brasileira, de cultivada ilustração, é quem rege a escola aludida, auxiliada por dois hábeis professores, Srs. Trajano e Menezes.

Nesta matéria encontramos o nome de três professores: D. Palmyra Rodrigues e os Srs. Trajano e Menezes. A partir de Matos (2004:316-7), que traz

informações biográficas detalhadas em seu livro, *Pioneiros Presbiterianos do Brasil*, foi possível localizar os nomes do Rev. Antonio Bandeira Trajano e do Rev. Manoel Antonio de Menezes e apresentamos a seguir os trechos que nos apoiam para esta afirmação:

Rev. Antonio Bandeira Trajano

Primeiro pastor nacional da Igreja do Rio de Janeiro Trajano (...). Por algum tempo, colaborou com a professora Palmyra Rodrigues na Escola Americana, em São Paulo.

Manoel Antonio de Menezes

Operoso pastor em Portugal e no Brasil. Mudando-se para São Paulo, foi arrolado por transferência na Igreja Presbiteriana no dia 2 de junho de 1872. Colaborou com a professora Palmyra Rodrigues na Escola Americana.

No *Almanak da Província de São Paulo*, publicado em 1873, encontramos o nome de mais um professor. Trata-se do Rev. Antonio Pedro Cerqueira Leite que viria a contrair núpcias com a Prof. Palmyra Rodrigues: "As aulas têm sido regidas por D. Palmyra Rodrigues, Antonio B. Trajano, M. A. de Menezes e Antonio Pedro Cerqueira Leite".

É possível supor que Antonio Bandeira Trajano tenha sido professor de aritmética, pois foi discípulo de Mary Parker Dascomb e "elaborou a famosa *Aritmética Progressiva*, que se



tornou célebre nas escolas do Brasil" (MATOS, 2004: 68).

Não foi possível distinguir quais as disciplinas ministradas por Menezes, mas é provável que tenha sido professor de música, pois foi músico e teve destacada importância para a hinologia evangélica brasileira. Em 1885 publicou um hinário "com 114 cânticos acompanhados das respectivas músicas, *Coleção de Músicas Sacras*, para uso das igrejas evangélicas em Portugal e no Brasil." (MATOS, 2004:350-1). No hinário *Salmos e Hinos* os números 121, 141, 204, 265, 306, 356, 440, 484, 498 e 567 as letras são de sua autoria ou receberam a tradução realizada por ele.

Sobre a prof. Palmyra Rodrigues, sabe-se que a princípio atuou como professora de História, e auxiliou Miss Dascomb na direção da escola, mas depois atuou também, segundo Hilsdorf (1977: 167), como professora de música. Matos (2004: 324-30) nos informa que ela era dotada de grande talento musical, sendo exímia pianista. Em 18 de setembro de 1873 casou-se com o Rev. Antonio Pedro de Cerqueira Leite, na residência do Rev. Chamberlain, e após o casamento deixou de lecionar na Escola Americana, onde atuara como professora desde 1872, transferindo-se para Sorocaba com seu esposo.

Em nosso Exame de Qualificação, o Prof. Samuel Kerr, que participou da Banca Examinadora, trouxe a informação de conversas que teve com o bisneto de D. Palmyra, George Zarur, contando que ela era filha de portugueses e que seus pais a enviaram para estudar na Inglaterra, onde teve sua formação como pianista. Quando

voltou ao Brasil, veio com os conhecimentos protestantes, que não foram aceitos por seus pais. Palmyra, então, passou por momentos difíceis. Certo dia, ao caminhar pela rua, sua atenção se voltou para a música que era executada na igreja presbiteriana. Depois de algum tempo filiou-se à Igreja Presbiteriana, tendo sido acolhida pelo casal Chamberlain, e passou a lecionar na Escola Americana. (Informação pessoal)<sup>3</sup>.

Samuel Kerr em seu livro "A história da atividade musical na Igreja Presbiteriana Unida de São Paulo: uma fisionomia possível" traz mais algumas informações sobre D. Palmyra Rodrigues "[...] E fazendo parte do programa, cantava D. Lysenor C. Santos. O boletim dizia ser ela filha do Rev. Antonio Pedro Cerqueira Leite [...]. A voz deveria ter herdado de sua mãe Palmyra Rodrigues, que Antonio Pedro conheceu tocando piano e cantando na Escola Americana em 1873" (KERR, 2000: 46).

Matos (2004:329) informa ainda que o Rev. Antonio Pedro faleceu em 1883 e "D. Palmyra casou-se em segundas núpcias com o Sr. João Exel, com quem teve duas filhas. Residiu em Mococa (SP) onde fundou o Colégio Americano, e foi professora por muitos anos no Colégio Carlota Kemper, em Lavras". Destacamos a informação trazida por Hilsdorf (1977: 167), que Palmyra Exel, nome adotado após o segundo casamento, voltou a lecionar na "Escola Americana" em 1887 e era professora de música juntamente com Miss Effie Lenington.

<sup>3</sup> Informação fornecida por Samuel Kerr, em conversa realizada na FE-USP, no dia 18 de março de 2008.

Ainda nas "Reminiscências" do Dr. Silva Rodrigues, encontramos informações sobre mais um professor de música, trata-se de José Zacharias de Miranda e Silva, dizendo que ele "lecionava na *Escola Americana* e estudava para o ministério evangélico". Lessa (1938: 142) nos ajuda a entender um pouco mais sobre as atividades desenvolvidas pelo Rev. Zacharias de Miranda: "[...] Sr. José Zacharias de Miranda e Silva, que exercia o ofício de alfaiate e era também músico de profissão".

Não sabemos ao certo se o Rev. Zacharias de Miranda chegou a ensinar música na Escola Americana, mas foi possível verificar que tinha experiência suficiente para isto, uma vez que havia estudado canto e instrumentos e tinha sido professor-diretor da banda e da orquestra de Itapira. Ao retornar para São Paulo, atuou como músico profissional, ocupando o cargo de violinista na orquestra do Teatro São José, com o intuito de prover o sustento da família durante a fase dos estudos teológicos. Segundo informações apresentadas por Matos (2004: 337-342) ele lecionou várias matérias na Escola Americana, no entanto, não cita quais foram:

Zacarias estudou teologia com o Rev. John B. Howell na Escola Americana, onde também lecionou várias matérias. Fez os estudos com muita dificuldade, pois ao mesmo tempo trabalhava como alfaiate e músico profissional (violinista na orquestra do Teatro São José) para sustentar a família.

Segundo Matos (2004: 83), em 1877, o Rev. Howell viajou para os Estados Unidos e casou-se com Elizabeth Hibler Day. Ao regressarem ao Brasil vieram acompanhados pela professora Miss Phebe A. Thomaz, que assumiria a direção do Jardim de Infância, que estava sendo implantado por Chamberlain. Miss Phebe

Veio a suas próprias expensas para lecionar na Escola Americana, onde implantou o "Kindergarten" (Jardim da Infância), inaugurado em quatro de fevereiro de 1878, do qual foi diretora por muitos anos. Ao que parece, esse foi o primeiro Jardim da Infância implantado no Brasil. Phebe foi também a primeira professora da classe de educação física da Escola Americana (MATOS 2004: 440-1).

Mediante informações de Kishimoto (2002: 90), pode-se afirmar que o Jardim da Infância da Escola Americana não foi o primeiro, mas o segundo implantado no Brasil.

Desde sua origem, o jardim de infância surgiu no Brasil como instituição que tem o direito e o dever de desenvolver a pedagogia froebeliana baseada no uso de jogos. Essa orientação aparece nos objetivos do Colégio Menezes Vieira, o primeiro estabelecimento a oferecer o jardim de

infância no Brasil, em 1875. (...) Seguiu o mesmo caminho a Escola Americana, de São Paulo, que em 1877 fundou o seu jardim froebeliano conforme assinala o prospecto da unidade.

Garcez (1970: 69) destaca que a iniciativa da criação do Jardim da Infância foi de Chamberlain e que "os jornais da época elogiaram muito esse empreendimento da Escola Americana, extraordinário avanço no sistema educacional brasileiro".

Miss Phebe Thomas, posteriormente recebeu auxílio de outras duas missionárias: Miss S. E. Lobb e Miss Mary Lenington.

Elizabeth Day Howell, esposa do Rev. John Beatty Howell, auxiliou na direção do Internato Feminino da Escola Americana. Segundo Matos (2004:86), Elmira Kuhl, mais conhecida como Ella, obteve sólida formação nos Estados Unidos e revelou-se uma excelente professora. Além de sua atuação como professora, auxiliou seu pai em um empreendimento comercial, atividade esta que lhe garantiu o conhecimento prático, que muito contribuiu para o sucesso de sua administração escolar. Chegou a São Paulo, no final de 1877, para trabalhar na Escola Americana, onde assumiu a direção do Internato Feminino, que se estabelecia na Rua dos Bambus, nº 20 (ver Figura 10).

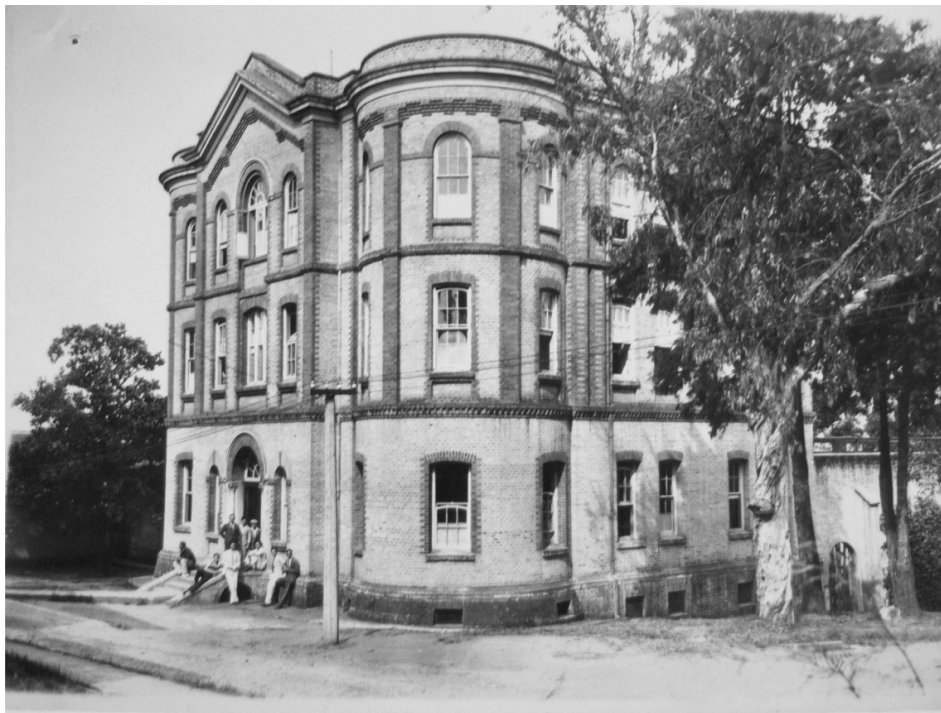


Figura 10. Internato Chamberlain, prédio onde hoje funciona a Faculdade de Arquitetura. Foto obtida na Revista da Associação dos Antigos Alunos do Mackenzie - Out. de 1970

Segundo Hilsdorf (1986: 251), os professores que atuaram em 1884, na Escola Americana, foram: Adelaide Molina, Remígio C. de Cerqueira Leite, Manoel da

Paixão, F. R. Schneider<sup>4</sup> e as Misses Elmira Kuhl e Mary P.

<sup>4</sup> Segundo Matos (2004: 42-6), trata-se do Rev. Francis Joseph Christopher

Dascomb. Em 1885, além destes temos também Cândida de Cerqueira Leite e Miss Mary Emerson.

Como visto anteriormente, outro educador de destaque foi o Dr. Horace Lane, que atuou não só como professor, mas também como diretor da Escola Americana e do Mackenzie College. Na implantação de novos cursos, Lane cercou-se de bons profissionais, como foi o caso de Marcia Browne, Alfred Cownley Slater (ver Figura 11), Anfred A. Anderson, entre outros. Concordamos com Hilsdorf (1986) e entendemos que isso se deu devido à sua capacidade de liderança nas muitas atividades que exerceu em São Paulo e por sua grande capacidade administrativa. Horace Lane era um empreendedor e precisava de pessoas capacitadas ao seu lado para que pudesse realizar seus projetos e alcançar seus objetivos.



Figura 11. Prof. Slater e seus alunos no Laboratório de Química (1908). Foto obtida no Arquivo Histórico Presbiteriano.

Marcia Browne chegou ao Brasil, a convite de Lane, para

---

Schneider, nascido na Alemanha, mas naturalizado cidadão norte-americano. Bacharelou-se em Letras no Jefferson College, na Pensilvânia e no Western Theological Seminary, em Allegheny. Foi o terceiro missionário presbiteriano a vir para o Brasil, chegando ao Rio de Janeiro em dezembro de 1861.

dirigir a Escola Normal, que se destinava à formação de professoras para a Escola Americana. Ela era professora de pedagogia e foi diretora da Escola Normal de Massachussets. Essa escola foi criada por Horace Mann, educador que influenciou o sistema pedagógico norte-americano e que, em 1837 foi designado para dirigir as escolas públicas de Massachusetts (EBY, 1976: 481-482). A seguir apresentamos um resumo das inovações apresentadas e implantadas por ele:

1. Melhoria de equipamento material: melhores prédios; condições higiênicas de aquecimento, iluminação, ventilação e aparelhos sanitários; bancos e mesas higiênicos; material escolar, tal como: quadros-negros, mapas, esquemas, e assim por diante; e parques mais espaçosos para recreação.
2. Padrões mais altos para formação de professores; escolas normais, institutos e associações de professores.
3. Maior cuidado no exame e seleção de professores.
4. Emprego de maior número de professores de sexo feminino sob pretexto que são, por natureza, mais simpáticos e mais adequados para lidar com alunos de nível elementar.

5. Supervisão mais inteligente da instrução e da disciplina.

6. Colocação de uma biblioteca em cada escola e comunidade; mais livros escritos expressamente para crianças, e mais contato com a História, a Ciência e as artes mecânicas; e o cultivo do gosto das crianças pela leitura.

7. Métodos de instrução aperfeiçoados em todos os campos; leitura devendo começar com o método de palavras, de preferência ao do alfabeto; soletração de palavras de uso comum e não de termos técnicos; e métodos concretos para o ensino de Aritmética, Gramática, Composição e outras matérias difíceis para principiantes.

8. A reunião de pequenos distritos em unidades maiores para economia e melhor supervisão. "Nenhum progresso substancial", dizia ele, "poderia ser feito enquanto existisse o sistema distrital".

9. A introdução, no currículo, de Música vocal, História e Geografia, Fisiologia e Higiene e Instrução Moral. A leitura da Bíblia, sem comentários, era igualmente recomendada.

10. Insistência na pontualidade e regularidade na

freqüência; o recurso da freqüência obrigatória.

11. Remuneração mais alta para os professores.

12. Livros de textos uniformes.

13. Promulgação de leis vigorosas contra o trabalho infantil.

14. Um ano letivo maior, sendo necessários dez meses para melhores resultados.

15. Mais escolas secundárias com maior auxílio estadual.

16. O abandono do castigo corporal.

17. Providências para a educação de crianças defeituosas e desamparadas.

Chamamos a atenção do leitor para o fato de que muitas destas inovações foram trazidas pelos educadores norte-americanos para a escola americana implantada no Brasil e destacamos o ponto 9, que apresenta a introdução da Música Vocal no currículo escolar. Algumas destas inovações foram levadas também à escola pública, quando da participação de professores norte-americanos que apoiaram a Rangel Pestana, Caetano de Campos e Gabriel Prestes, na reforma do ensino público em São Paulo.

Foi possível localizar os prospectos da Escola Americana a partir de 1893 e também os relatórios enviados anualmente aos Estados Unidos nas pesquisas que realizamos no Arquivo Histórico Presbiteriano, com sede em São Paulo. No entanto, os nomes de professores de Música e de Canto são mencionados

somente a partir de 1904. Juntando as informações encontradas nos prospectos com as demais coletadas ao longo da pesquisa é possível afirmar que, além dos professores de música que já foram mencionados anteriormente, as seguintes professoras também atuaram na Escola Americana<sup>5</sup>: Mlles. Philippeaux, Candinha d'Aubertie, Cecília Freire, Miss Alice Sadler e como professora de canto Fátima de Melo.

A seguir nos deteremos nas informações relativas à presença da música no currículo escolar, e procuraremos apontar algumas das músicas que foram utilizadas.

### **Música no currículo escolar**

Pelas informações trazidas até aqui, é possível admitir que a música estivesse presente na Escola Americana desde os seus primórdios, pois Mary Ann, a fundadora da escola, era professora de música e de francês. E a primeira diretora, Mary Parker Dascomb, também era musicista e atuava como organista e regente coral nos trabalhos da Igreja Presbiteriana. Marcia Browne trazia as inovações implantadas por Horace Mann em Massachusetts, inclusive a da música vocal presente no currículo escolar.

No início das aulas, na Escola Americana, havia um momento em que os alunos participavam da Assembleia Geral, na Sala Grande, para entoar cânticos evangélicos e para a leitura da Bíblia. Os cânticos eram acompanhados ao harmônio e essa prática foi adotada ao longo

dos anos pelas escolas americanas de confissão protestante.

A seguir transcrevemos um trecho da matéria publicada no *Correio Paulistano*, do dia 20 de agosto de 1872, que apresenta a música no currículo escolar. Esta informação foi trazida por Laguna em sua Dissertação de Mestrado (1999: 30).

Deu-se o exame na segunda-feira da semana passada, presentes algumas famílias dos alunos e alunas, nas seguintes matérias:

Leitura, dividida em três classes;

Cosmografia e geografia, em duas classes;

Música;

Gramática;

Aritmética, em duas classes.

A escola assim organizada funciona apenas há cinco meses.

No *Almanak da Província de São Paulo*, publicado em 1873, encontramos um anúncio da Escola Americana, que apresenta a música como parte integrante do currículo (Laguna, 1999: 35).

E. Americana – Foi fundada em Março do ano passado pelo Pastor da igreja evangélica presbiteriana, G. W. Chamberlain. – Funciona na rua de S. José, 1. Além de primeiras letras, leciona-se música, geografia, aritmética e gramática

---

<sup>5</sup> Estas informações se referem ao período de 1870 a 1920.

portuguesa. Há também uma aula de língua inglesa dirigida pelo professor J. S. Bradwell. As aulas têm sido regidas por D. Palmyra Rodrigues, Antonio B. Trajano, M. A. de Menezes e Antonio Pedro Cerqueira Leite. O programa desta escola inclui o ensino de outras matérias secundárias, que serão introduzidas à proporção do adiantamento dos alunos. É para ambos os sexos. (*Almanak da Província de São Paulo para 1873*, organizado e publicado por José Batista de Lune e Paulo Delfino da Fonseca, S. Paulo, Tipografia Americana).

Ramalho (1976) informa também que,

A Escola Normal em 1875, com três anos de duração, seguia o regulamento do *Training Class* dos Estados Unidos e apresentava o seguinte currículo: metodologia do ensino, pedagogia, higiene escolar, psicologia aplicada, organização escolar, direção prática de aulas, matemática, português, geografia, história, música e cultura física (RAMALHO apud LAGUNA, 1999: 226).

Com relação às atividades musicais, realizadas no Jardim de Infância, Eby declara que:

“Nenhum educador conferiu maior valor cultural ao ritmo que Froebel. [...] O ritmo é a base da linguagem e da música”, e acrescenta que “As atividades em maturação da criança conduzem naturalmente do movimento rítmico ao canto”.

Gilioli (2003:75) afirma que “Froebel defendeu ardorosamente o cultivo do canto nas escolas sem a preocupação que as crianças tornem-se artistas”.

Pinazza (1997) estudou o Jardim de Infância a partir das idéias de Pestalozzi e Froebel. Ela nos informa que na Revista do Jardim da Infância encontram-se cantos e marchas, traduzidos e adaptados para o português, para acompanhar jogos e ocupações retirados de coleções norte-americanas, como é o caso da Boston Collection of Kindergarten Stories. Nesta revista encontram-se também trechos de livros estrangeiros que trazem os princípios pedagógicos de Froebel.

Ainda segundo Pinazza (1997), Froebel demonstrou grande afinidade pelas coisas da natureza. Quando criança passou por uma escola “onde os exercícios consistiam, basicamente, na memorização de passagens bíblicas e de hinos”. As muitas experiências de vida proporcionaram a Froebel oportunidade de transitar por diferentes caminhos. Seu interesse pelas questões da educação se deu ao conhecer as idéias de Pestalozzi. Interessou-se especialmente pelos passeios que Pestalozzi realizava com seus alunos, colocando-os em contato com a natureza, permitindo lições práticas e os jogos ao ar livre. Embora o conceito de espontaneidade tenha sido anunciado por Pestalozzi, foi

Froebel quem o desenvolveu mais nitidamente, "colocando-o no eixo de sua pedagogia" (p. 171). "Froebel apresenta sua concepção de jogo, como uma atividade fundamental da criança e própria de sua natureza" (p. 173). Segundo ele, somente através dos símbolos a criança pode chegar à verdade dos fatos. Entende ainda que é fundamental uma educação escolar apropriada às necessidades da criança. Além disso, esteve sempre preocupado com a formação de quem iria cuidar das crianças.

De acordo com Fonterrada (2005: 51-53), Froebel defende que o canto e outras artes devam ser incluídos na escola, "com a intenção de assegurar a cada criança um amplo e completo desenvolvimento de sua natureza, na apreciação da obra artística" (SCHOLLES apud FONTERRADA, 2005: 53). Já Pestalozzi, em termos de educação musical, dá ênfase à utilização de canções no processo educativo, reconhecendo a influência da música na formação do caráter.

Os princípios do sistema Pestalozzi de educação musical são:

\* Ensinar sons antes de ensinar signos e fazer a criança aprender a cantar antes de aprender a escrever notas ou pronunciar seus nomes.

\* Levá-la a observar auditivamente e a imitar os sons, suas semelhanças e diferenças, seu efeito

agradável ou desagradável, em vez de explicar essas coisas ao aluno – em suma, tornar o aprendizado ativo, e não passivo.

\* Ensinar uma coisa de cada vez: ritmo, melodia e expressão, antes de fazer a criança executar a difícil tarefa de praticar todas elas de uma vez.

\* Fazê-la trabalhar cada passo dessa divisão até que os domine, antes de passar para o próximo.

\* Ensinar os princípios e a teoria após a prática.

\* Analisar e praticar os elementos do som articulado para aplicá-los na música.

\* Fazer que os nomes das notas correspondam aos da música instrumental.

Fonterrada (2005: 53) ainda nos informa que para Herbart "a vida é um jogo de representações e educar, portanto, é instruir. Para que a educação tenha êxito, é preciso despertar o interesse do aluno". No pensamento destes três educadores "nota-se a preocupação comum com a criança e com o ensino".

Gostaríamos de destacar que, pela foto (ver Figura 12), podemos verificar que as crianças do Jardim da Infância na Escola Americana desfrutavam das atividades ao ar livre propostas por Pestalozzi e Froebel.





Figura 12. Grupo de crianças do Jardim de Infância. Foto obtida no Arquivo Histórico Presbiteriano

Em artigo na Revista de Ensino de junho de 1907, Margareth Holder assinala que um dos objetivos do Jardim da Infância é preparar para a vida escolar. Essa questão era observada no Jardim de Infância da Escola Americana. Ressaltamos também que os Jogos, com movimentos graduados, deveriam ser acompanhados de canto. Havia canções apropriadas para estas atividades com movimentos corporais. Segundo Hilsdorf (1986: 204), a Escola Americana ministrava ensino de três níveis desde os inícios da década de 80:

Além do *Kindergarten* tinha a *Escola Primária*, com ensino de leitura e caligrafia, aritmética, gramática portuguesa, geografia elementar, doutrina cristã de conteúdo evangélico, história pátria, música

vocal, desenhos, lições práticas de francês e inglês e lições de coisas; e o *Curso Secundário*, com aulas de línguas vivas, latim, língua e literatura nacional, geografia, história pátria e universal, retórica, filosofia mental, física, aritmética, álgebra, geometria, desenho, música, aritmética comercial e noções de escrituração mercantil.

Pinazza (1997) informa que Miss Marcia Browne e Maria Guilhermina Loureiro de Andrade foram destacadas da Escola Americana pelo prof. Horace Lane para introduzirem na escola pública o pensamento pedagógico com base nos preceitos pestalozzianos e froebelianos

utilizados nos Estados Unidos (p. 32-33).

A partir dos trabalhos de Hilsdorf, pudemos ampliar as informações ao analisarmos os Prospectos da Escola Americana, e constatamos que a música vocal era uma das matérias do programa dos cursos primário, intermediário e normal. Fazia parte das atividades musicais o aprendizado de piano e canto para as alunas do Internato que tivessem interesse, mediante o pagamento de uma taxa extra. Ainda como parte dessas atividades musicais, havia um recital no final de cada semestre letivo, ocasião em que as estudantes faziam uma mostra do desenvolvimento adquirido no instrumento ou no canto. Era uma ocasião festiva e os pais e os amigos das estudantes eram convidados a comparecer. "Em 1907, por exemplo, a prof. Candinha d'Aubertie, que ensinou piano de 1907 a 1915, dava aulas para 20 internas, que revezavam nos 7 pianos da escola, diariamente, nos horários: 6:30 às 7:30; das 15:00 às 17:00 e das 18:00 às 19h30" (LAGUNA, 1999: 303).

Podemos concluir que havia duas ofertas de música vocal para as alunas da Escola Americana, uma que era feita em sala de aula, conforme vimos no currículo e outra que era oferecida individualmente para as alunas que faziam parte do internato. Em um primeiro momento à ênfase maior foi para o ensino de Piano, mas em 1918, encontramos a indicação da prof. Fátima de Mello para o ensino de Canto e durante toda a década de 20 a Escola Americana manteve uma prof. de Canto.

#### Curso Primário:

O Curso Primário era um curso de quatro anos e atendia crianças de 5 a 10 anos. Entre as disciplinas oferecidas encontramos a Música com o seguinte programa:

1º. Ano: Canto, notas da pauta, exercícios da voz

2º. Ano: Canto, notas, escala, etc.

3º. Ano: Continuação do 2º. Ano

4º. Ano: Cantos

Aqui, no Curso Primário, podemos observar uma diferença do Jardim de Infância quanto às atividades musicais, pois a partir da experiência vivida na prática, agora chega o momento de entender os signos que compõem a música. Apesar das poucas informações trazidas no programa da disciplina, é possível verificar que os estudantes estavam sendo preparados para a leitura de partitura (Ensino de notas na pauta, escala, etc.). Havia também um cuidado especial com a utilização da voz e exercícios específicos eram feitos com o propósito de preparar a voz para o canto.

#### Curso Intermediário:

Pelos prospectos foi possível verificar que a música esteve presente no 1º. e 2º. anos do Curso Intermediário, no entanto, não encontramos indicações do programa desenvolvido nestes anos.

#### Curso Normal:

Laguna (1999) no quarto capítulo de sua Dissertação de Mestrado apresenta a reconstrução histórica do Curso Normal da Escola Americana de 1889 a 1933. Como alguns documentos não foram encontrados, Laguna (1999) faz a

reconstrução parcial do Curso Normal da Escola Americana. Em 1885 as alunas podiam iniciar o Curso Normal já no quarto ano do Curso Secundário. Isto mudou em 1904, pois a partir daí o curso "passou a ser ministrado em nível superior". (LAGUNA, 1999: 228)

Ainda segundo Laguna (1999: 229), o Curso Normal, a partir de 1907, passou a ter a duração de dois anos e foi oferecido para aqueles que desejassem habilitar-se para o magistério, sendo essencialmente voltado à prática do ensino. Para se matricular neste curso era necessário já ter concluído o Curso Secundário e "aquelas alunas que demonstravam habilidade para a música, o artesanato e a caligrafia receberam uma preparação especial nessas atividades, para posteriormente poderem passar esses conhecimentos a seus futuros alunos". Laguna informa ainda que no período entre 1907 e 1933 a estrutura dorsal do Curso Normal foi mantida.

A música está listada no rol de disciplinas, sem, contudo, trazer especificações do conteúdo desenvolvido. Cabe aqui uma suposição que neste momento as normalistas estavam sendo preparadas para ensinarem as canções quando se tornassem professoras. Aquelas que moravam no internato tinham a possibilidade de estudar música, que era oferecida como uma atividade extra.

É provável que utilizassem também canções com movimentos feitos pelas crianças ou ainda canções que ajudavam a cumprir a rotina das atividades diárias, pois esta era uma orientação apresentada por Froebel e Pestalozzi, ou seja, defendiam a utilização do canto pelas crianças.

Encontramos algumas destas canções no livro "Hymnos e Cânticos Juvenis", que nos foi doado pelo Prof. Samuel Kerr. Ele afirma que o livro era utilizado no Curso Normal da Escola Americana, para que as futuras professoras aprendessem as canções que iriam utilizar com as crianças. Este exemplar foi adquirido por sua mãe, D. Ondina, em 1926 quando ainda estudava no Instituto Cristão, em Castro no Paraná e utilizado também quando estudou no Curso Normal da Escola Americana, no ano de 1929. Segundo Samuel Kerr, em depoimento à autora, as músicas deste livro eram cantadas tanto na escola quanto na igreja, durante as atividades da escola dominical da Igreja Presbiteriana Unida.

O álbum "Hymnos e Cânticos Juvenis" é uma coleção de oitenta músicas, organizado por Julia Coachman Dickie, editado pela Imprensa Metodista, na cidade de São Paulo, com encadernação em capa dura. Infelizmente não está datado, mas podemos afirmar que foi editado antes de 1926, pois foi este o ano que o exemplar que nos foi doado por Samuel Kerr, foi adquirido por sua mãe, Ondina Vieira de Moraes. Das oitenta músicas, as primeiras sessenta e uma são religiosas. Podemos afirmar isso, pois são encontradas nos hinários protestantes, ou, quando não se encontram, apresentam as mesmas características estilísticas dos hinos. As outras dezessete são compostas por dois hinos patrióticos, canções escolares, senso que muitas delas trazem as indicações de como os movimentos devem ser realizados pelas crianças ao cantarem a canção e as duas últimas músicas recebem o título de Marcha Nº 1 e

Marcha Nº 2. São apenas instrumentais, ou seja, não apresentam letra para serem cantadas pelas crianças. Provavelmente estas marchas eram para ser usadas acompanhando os exercícios físicos. As músicas deste livro estão registradas em partituras com as notações musicais, sendo possível a quem conhece os símbolos musicais, executá-las, tanto ao harmônio quanto ao piano.

É bem provável que a metodologia utilizada para o ensino da música na Escola americana, tenha sido o *Tonic-Sol-Fa*. Esta era uma forma de notação musical e um sistema de ensino de canto por leitura. Os que aprendiam por esta metodologia eram capazes de realizar a leitura de uma partitura à primeira vista. Tanto a forma de notação, quanto a metodologia para ensino de canto foram concebidos na Inglaterra, em meados do séc. XIX por John Curwen, que baseou seu sistema em um trabalho de Sarah Glover. Esta metodologia foi amplamente utilizada na Inglaterra no séc. XIX e continuou em uso em muitas partes do mundo. Em 1869, John Curwen fundou uma escola em Londres, denominada Tonic Sol-Fa College, que ainda hoje existe. Kodály foi um educador musical húngaro, muito conhecido entre os educadores musicais de hoje, que adotou uma versão modificada desta metodologia para o uso as escolas húngaras (Cf. Grove, 1994:954). Gilioli (2003: 82-5) traz a informação de que Marcia Browne tentou implantar o *Tonic Sol-Fa* na escola paulista, procurando mudar uma tradição de ensino musical já estabelecida.

Segundo Laguna (1999: 225), "em 1889 muitos

professores da Escola Normal de São Paulo assistiram as aulas de Botânica, Música Vocal e Desenho do Curso Normal da Escola Americana". Aqui encontramos uma questão interessante, pois o ensino de música também serviu de exemplo para os professores da Escola Normal de São Paulo.

Relembramos a informação trazida anteriormente que Miss Browne dirigiu a Escola-Modelo e que compôs o grupo de educadores que junto com Rangel Pestana, Caetano de Campos e Gabriel Prestes realizou uma grande reforma no ensino público em São Paulo, no período de 1890 a 1896.

Rosa Fátima de Souza (1997), em sua Tese de Doutorado, ao apresentar a reforma da instrução pública realizada no estado de São Paulo em 1892, traz a seguinte informação sobre a música:

Na música podemos notar a forte influência americana na Escola-Modelo. No 1º. ano, adotava-se o método americano denominado *Tonic-solfa* compreendendo o ensino das notas musicais. Em 1925, a escola adotou, no 2º. Ano o sistema denominado Galin-Paris-Chevé segundo o qual as notas musicais eram representadas por sete algarismos, facilitando o solfejo através de exercícios escritos. O professor João Köpke ofereceu à escola manuais e coleções de exercícios sobre esse método.

Aqui vemos referências à influência que o ensino norte-americano exerceu sobre a Escola-Modelo. Desta feita sobre o ensino da música.

### Considerações Finais

As inovações da pedagogia americana serviram de referencial para outros países e foram trazidas para o Brasil no final do século XIX pelas escolas americanas de confissão protestante. A fundação das escolas pelas missões protestantes representava uma resposta às necessidades dos imigrantes, trazia inovações pedagógicas que já haviam sido testadas, despertava para as questões políticas e culturais, ao mesmo tempo servia também como elemento de penetração na sociedade brasileira e como meio de propagação indireta das atividades de evangelização.

Como visto anteriormente, os hinos religiosos eram cantados no início das aulas, juntamente com a leitura de trechos da Bíblia. Se quisermos, hoje temos condições de executar os cânticos evangélicos que os alunos da Escola Americana entoavam na Assembleia Geral, pois suas partituras estão registradas nos hinários que foram utilizados pelos evangélicos na época.

Além dos hinos religiosos, eram cantados também os hinos cívicos ou pátrios, canções de ninar, canções para os mais pequeninos, canções para movimentos, canções populares, canções folclóricas, canções escolares. Este repertório variado possibilitou um movimento cultural que contribuiu também para a formação de público, como foi o caso das pessoas que iam assistir

os Recitais de Final de Semestre promovidos pela Escola Americana.

A educação escolar nos aspectos institucional, de prática pedagógica e de cultura escolar tem sido objeto de estudos na área de História da Educação Brasileira. Com nossa pesquisa foi possível realizar um movimento de aproximação da História da Educação com a História da Educação Musical, visto que esta, no período citado, é um campo particularmente fértil, por não ter sido suficientemente estudada.

### Referências

CERTEAU, Michael de. *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

*DICIONÁRIO GROVE DE MÚSICA*. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 1994.

FARGE, Arlette. *La Atracción del Archivo*. Valência: Alfons el Magnànim/IVEI, 1991.

FONTEERRADA, Marisa Trench de Oliveira. *De tramas e fios: um ensaio sobre música e educação*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

GARCEZ, Benedito Novaes. *Mackenzie*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1970.

HILSDORF, Maria Lúcia. *Escolas Americanas de Confissão Protestante na Província de São Paulo: um estudo de suas origens*. Dissertação (Mestrado em Educação). São Paulo: FE-USP, 1977.

\_\_\_\_\_. *Francisco Rangel Pestana: jornalista, político, educador*. Tese (Doutorado em

Educação). São Paulo: FE-USP, 1986.

EBY, Frederick. *História da Educação Moderna: Teoria, Organização e Práticas Educacionais*. 2.ed. Porto Alegre: Globo; Brasília: INL, 1976.

GILIOLI, Renato de Sousa Porto. *"Civilizando" pela música: a pedagogia do Canto Orfeônico na Escola Paulista da Primeira República*. Dissertação (Mestrado em Educação). São Paulo: FE-USP, 2003.

KERR, Dorothéa; KERR, Samuel. A atividade musical evangélica no Brasil – por uma pedagogia musical. In: *Caixa Expressiva* (Publicação Semestral da Associação Brasileira de Organistas). Ano 7, nº. 14, 2003, p. 25-32.

KERR, Samuel. *A história da atividade musical na Igreja Presbiteriana Unida de São Paulo: uma fisionomia possível*. São Paulo: Edicon, 2000.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. *Jogos infantis: o jogo, a criança e a educação*. 9.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

LAGUNA, Shirley Puccia. *Reconstrução histórica do curso normal da Escola Americana de São Paulo (1889-1933) – internato de meninas: uma leitura de seu cotidiano e da instrução e educação feminina aí ministradas*. Dissertação (Mestrado em Educação). São Paulo: PUC-SP, 1999.

LOURENÇO FILHO, Manuel B. *Introdução ao Estudo da Escola*

*Nova*. 11.ed. São Paulo: Melhoramentos, s.d.

MATOS, Alderi Souza de. *Os pioneiros presbiterianos do Brasil*. São Paulo: Cultura Cristã, 2004.

MENDONÇA, Antonio Gouveia. *O Celeste Porvir: a inserção do protestantismo no Brasil*. São Paulo: Aste, 1995.

NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do. *A Escola Americana: origens da educação protestante em Sergipe (1886-1913)*. São Cristovão: Grupos de Estudos em História da Educação/NPGED/UFS, 2004.

PINAZZA, Mônica Appezato. *A pré-escola paulista à luz das idéias de Pestalozzi e Froebel: memória reconstituída a partir de periódicos oficiais*. Tese (Doutorado em Educação). São Paulo: FE-USP, 1997.

RAMALHO, Jether Pereira. *Prática educativa e Sociedade*. Rio de Janeiro, ZAHAR Editores, 1976.

SOUZA, Rosa Fátima. *Templos de civilização: um estudo sobre a implantação dos Grupos Escolares no Estado de São Paulo (1890-1910)*. Tese (Doutorado em Educação). São Paulo: FE-USP, 1997.